

104-23

Ao deus infante a que chamaram Eros, e que conhecemos antes pelo nome romano de Cupido, opposeram os Gregos um outro deus, menino tambem, a que chamaram Anteros, isto é, contra-Cupido. Suas figuras nos apparecem nas presentações hellenicas com a fórma de duas creanças que luctam. Por este symbolo perspicuo entenderam figurar seus creadores aquelles dois impulsos da sensualidade que perpetuamente se gladiam na mente do homem racional - o amor pelo amor, e o amor pela belleza. Busca o primeiro, amando segundo o instincto, sempre o sexo opposto; o ~~segundo~~, amando segundo a razão, frequentemente o sexo proprio. Não tem o instincto senão sexo, nem sexo a razão. E o dilemma assim representado na briga dos dois meninos não é mais que uma fórma particular da opposição universal do instincto e da intelligencia - uma favorecendo a vida e propagando-a, a outra favorecendo a vida e a não propagando.

Teem Eros e Anteros eguaes razões, direitos pares; nem a lucta, que dos dois se figura, alguma vez presenta qualquer d'elles vencido. Peccára o symbolo se não fôra assim. Nem ha problema humano da vida que tenha solução justa (é esta a origem da tragedia), ~~em~~ ou solução absurda (é esta a origem da comedia). Em todo o racional é a vida uma balança que não assenta; em que o peso relativo, portanto, se nunca determina.

A repugnancia, que muitos - porém menos que ~~alguns~~ esperamos - cuidam ter pelo amor contrario, procede de que o supõem definido e exemplificado, já no invertido, já no que se prostitue, já ainda no que, não sendo um nem outro, se emprega viciosamente em esse amor. Qualquer dos casos, porém, é insignificativo.

O invertido é um ser organicamente predisposto para o amor sexual contrario, e só para esse amor; em esse amor é instinctivo, que não racional, e, como o instincto não busca sempre o sexo opposto, tal ser é uma monstruosidade, ~~um~~ aleijão, que, como todos os monstros, repugna nossa justa sensibilidade.

O prostituido ao proprio sexo, repugnamol-o como todo prostituido; se o repugnamos mais, é que é menos natural a maneira de vender-se que elegeu. É um monstro tambem, ~~mas~~ psychico ou social: não tem a excusa do instincto, nem a justificação da razão. Repugnamol-o em maior grau, que não de diverso modo, que a mulher que, por dinheiro, se faz amante de um velho, de um aleijado, ou de um ascoroso.

O vicioso repugna-nos, não por ser tal vicioso, senão que porque é vicioso. Vicio é a absorpção degradante do espirito em qualquer emprego do desejo: a caridade pode ser um vicio, não menos que a sensualidade. Se a caridade é menos

Ao deus infante a que chamaram Eros, e que conhecemos antes pelo nome romano de Cupido, oppozeram os Gregos um outro deus, menino tambem, a que chamaram Anteros, isto é, contra-Cupido. Suas figuras nos apparecem nas presentações hellenicas com a fórma de duas creanças que luctam. Per este symbolo perspicuo entenderam figurar seus creadores aquelles dois impulsos da sensualidade que perpetuamente se gladiam na mente do homem racional - o amor pelo amor, e o amor pela belleza. Busca o primeiro, amando segundo o instincto, sempre o sexo opposto; o ~~segundo~~ outro, amando segundo a razão, frequentemente o sexo proprio. Não tem o instincto senão sexo, nem sexo a razão. E o dilemma assim representado na briga dos dois meninos não é mais que uma fórma particular da opposição universal do instincto e da intelligencia - uma favorecendo a vida e propagando-a, a outra favorecendo a vida e a não propagando.

Teem Eros e Anteros eguaes razões, direitos pares; nem a lucta, que dos dois se figura, alguma vez presenta qualquer d'elles vencido. Peccára o symbolo se não fôra assim. Nem ha problema humano da vida que tenha solução justa (é esta a origem da tragedia), ~~nem~~ ou solução absurda (é esta a origem da comedia). Em todo o racional é a vida uma balança que não assenta; em que o peso relativo, portanto, se nunca determina.

*

A repugnancia, que muitos - porém menos que ~~alguns~~ esperamos - cuidam ter pelo amor contrario, procede de que o supõem definido e exemplificado, já no invertido, já no que se prostitue, já ainda no que, não sendo um nem outro, se emprega viciosamente em esse amor. Qualquer dos casos, porém, é insignificativo.

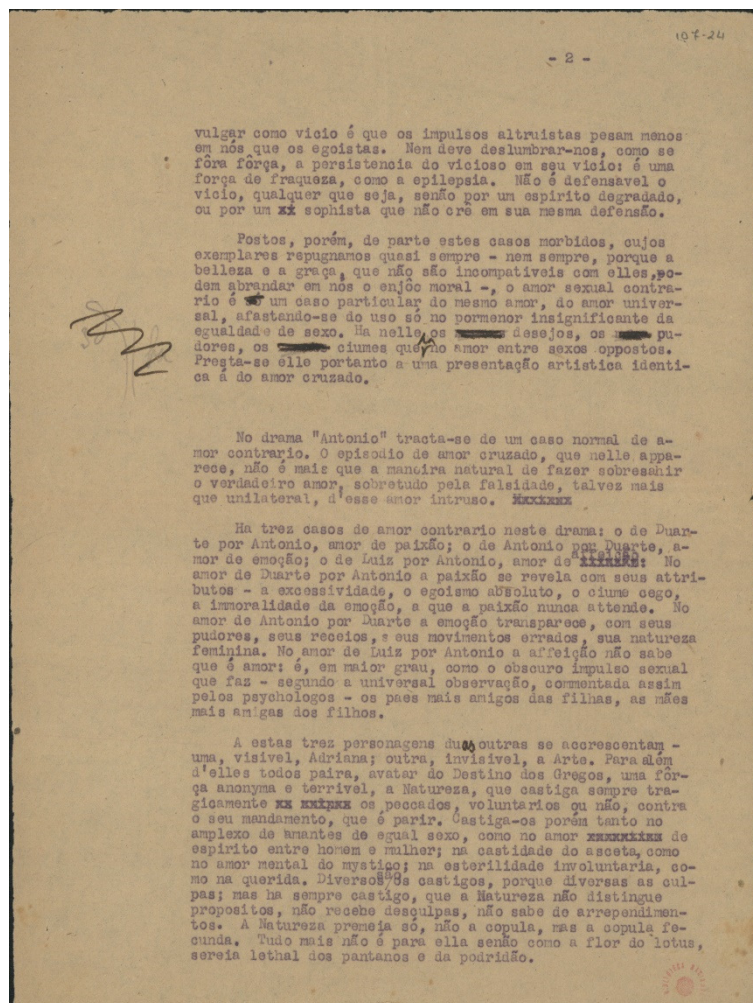
O invertido é um ser organicamente predisposto para o amor sexual contrario, e só para esse amor; em esse amor é instinctivo, que não racional, e, como o instincto não busca sempre o sexo opposto, tal ser é uma monstruosidade, ~~um~~ aleijão, que, como todos os monstros, repugna nossa justa sensibilidade.

O prostituido ao proprio sexo, repugnamol-o como todo prostituido; se o repugnamos mais, é que é menos natural a maneira de vender-se que elegeu. É um monstro tambem, ~~mas~~ porém psychico ou social: não tem a excusa do instincto, nem a justificação da razão. Repugnamol-o em maior grau, que não de diverso modo, que a mulher que, por dinheiro, se faz amante de um velho, de um aleijado, ou de um ascoroso.

O vicioso repugna-nos, não por ser tal vicioso, senão que porque é vicioso. Vicio é a absorpção degradante do espirito em qualquer emprego do desejo: a caridade pode ser um vicio, não menos que a sensualidade. Se a caridade é menos

BNP/E3, 107 - 24^o

Transcrição



vulgar como vicio é que os impulsos altruistas pesam menos em nós que os egoistas. Nem deve deslumbrar-nos, como se fôra fôrça, a persistencia do vicioso em seu vicio: é uma fôrça de fraqueza, como a epilepsia. Não é defensavel o vicio, qualquer que seja, senão por um espirito degradado, ou por um ~~se~~ sophista que não crê em sua mesma defesa.

Postos, porém, de parte estes casos morbidos, cujos exemplares repugnamos quasi sempre - nem sempre, porque a belleza e a graça, que não são incompativeis com elles, podem abrandar em nós o enjôo moral -, o amor sexual contrario é ~~se~~ um caso particular do mesmo amor, do amor universal, afastando-se do uso só no mesmo amor, do amor universal, afastando-se do uso só no pormenor insignificante da egualdade de sexo. Ha nelle os ~~mesmos~~ desejos, os ~~mesmos~~ pudores, os ~~mesmos~~ ciumes que ha no amor entre sexos oppostos. Presta-se elle portanto a uma apresentação artistica identica á do amor cruzado.

No drama "Antonio" tracta-se de um caso normal de amor contrario. O episodio de amor cruzado, que nelle apparece, não é mais que a maneira natural de fazer sobresahir o verdadeiro amor, sobretudo pela falsidade, talvez mais que unilateral, d'esse amor intruso. ~~Ha tres~~

Ha tres casos de amor contrario neste drama: o de Duarte por Antonio, amor de paixão; o de Antonio por Duarte, amor de emoção; o de Luiz por Antonio, amor de ~~illusão~~ affeição. No amor de Duarte por Antonio a paixão se revela com seus attributos - a excessividade, o egoismo absoluto, o ciume cego, a immoralidade da emoção, a que a paixão nunca attende. No amor de Antonio por Duarte a emoção transparece, com seus pudores, seus receios, seus movimentos errados, sua natureza feminina. No amor de Luiz por Antonio a affeição não sabe que é amor: é, em maior grau, como o obscuro impulso sexual que faz - segundo a universal observação, commentada assim pelos psychologos - os paes mais amigos das filhas, as mães mais amigas dos filhos.

A estas tres personagens duas outras se accrescentam - uma, visivel, Adriana; outra, invisivel, a Arte. Para além d'elles todos paira, avatar do Destino dos Gregos, uma fôrça anonyma e terrivel, a Natureza, que castiga sempre tragicamente ~~as culpas~~ os peccados, voluntarios ou não, contra o seu mandamento, que é parir. Castiga-os porém tanto no amplexo de amantes de equal sexo, como no amor ~~romantico~~ de espirito entre homem e mulher; na castidade do asceta, como no amor mental do mystico; na esterilidade involuntaria, como na querida. Diversos são os castigos, porque diversas as culpas; mas ha sempre castigo, que a Natureza não distingue propositos, não recebe desculpas, não sabe de arrependimentos. A Natureza premeia só, não a copula, mas a copula fecunda. Tudo mais não é para ella senão como a flor de lotus, sereia lethal dos pantanos e da podridão.

BNP/E3, 107 - 25^o

Transcrição

O desinvolvimento d'esta tragedia, realizou-o Antonio Botto - assim na materia como na fórma - com singular novidade, proba destreza, triste desprendimento. O seu drama de amor é livre da mancha da sensualidade e da mácula da moralização. Tudo se passa exactamente como se passa. O resto é silencio, como Hamlet disse.

FERNANDO PESSOA

O desinvolvimento d'esta tragedia, realizou-o Antonio Botto - assim na materia como na fórma - com singular novidade, proba destreza, triste desprendimento. O seu drama de amor é livre da mancha da sensualidade e da mácula da moralização. Tudo se passa exactamente como se passa. *O resto é silencio*, como Hamlet disse.

FERNANDO PESSOA

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).